Ano XI Lisboa, 19 de Março de 1936 N.º 530

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

QUEM LÁ SE VIU... LÁ SE ACHOU

POR LAURA CHAVES

LOGO pela manhãzinha,
quando lhe abriram a porta
da capoeira da vinha,
foi para o campo a galinha,
mais a pata Perna-Torta.

Encontraram no caminho
a Dona Franga Pintada,
do galinheiro vizinho,
mais o Galo Assomadinho
com a mulher e a ninhada.

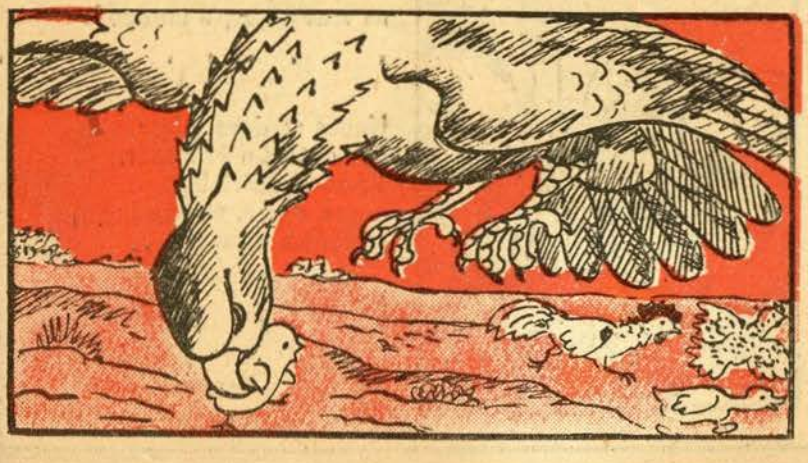
E foram andando, andando,
pica aqui, pica acolá,
as frangas cacarejando,
indo na frente do bando
os pintos com seu papá.

Nisto, uma sombra aparece
a voar, a grande altura,
Mas a pouco e pouco cresce...
E' um milhafre que desce
e com êle a desventura!

Numa descida veloz
sôbre os animais pairou,
e — que crueldade atroz!
no seu instinto feroz,
um dos pintos agarrou.

Depois ergueu-se no ar
levando o pobre pintinho
que ia a piar, a piar,
pelo paizinho a chamar,
e voou direito ao ninho.

Isto tudo se passou
num instante, num momento;
nem um segundo durou
e nem tempo lhes deixou
de fazer um movimento.



As galinhas, entretanto,
coitadas, metiam dó,
a cacarejar num pranto!
O galo, mudo de espanto,
nem soltou um có-cró-có.

Quando se espalhou a nova,
o que disseram do galo!
Ferravam-lhe cada sova,
mesmo de *caixão à cova*.
Era tudo a censurá-lo!

— «Um pai que não livra um filho,
é de raça muito fraca!
Não vale um bago de milho!
ladrou o cão — que empecilho!
O que êle merece é faca!»

— «Eu cá se lá me encontrasse,
(exclamou um bacorinho)
— mesmo que êle me matasse,
faria com que largasse
o pobre do pintaínho!»

— «Ao tal milhafre cruel,
afirmava o sapo, o Arrasas,
— vendia-lhe cara a pele!
para voar atrás dêle
até me cresciam asas!»

UM LINDO GESTO

POR **MANUEL FERREIRA**

NA escola primária, havia dois petizes pouco mais ou menos da mesma idade, Carlos e Augusto.

Eram ambos pobres. Augusto tinha pai e mãi mas Carlos era filho de uma pobre viuva que, para ganhar o seu sustento e o do filho, trabalhava, a dias, ou em serviços de costura.

Muito amigos, auxiliavam-se mùtuamente. Carlos ia, muitas vezes, estudar para casa de Augusto, onde o pai dêste lhes explicava as lições.

Sempre pontuais no cumprimento dos deveres, eram os melhores alunos da aula. Contudo, Augusto, por ser talvez mais inteligente, tinha notas mais altas do que o seu camarada.

Um dia, tendo apresentado um trabalho admiravelmente exposto, o professor, diante de todos os condiscípulos, chamou Augusto, traçou o seu elogio e apontou-o à classe como um exemplo a seguir, nomeando-o uma espécie de seu auxiliar.

Uma das suas funções era receber os cadernos dos exercícios dos alunos e entregá-los ao sr. professor.

Ora, uma vez, sucedeu que o Carlos não pôde entregar o caderno. Desculpou-se diante de Augusto e êste prometeu-lhe nada dizer ao professor.

Porém, êste, ao pôr a respectiva nota nos exercícios, disse a Augusto:

—«Parece-me que falta um caderno...»

Augusto, envergonhado, pôs os olhos no chão e tartamudeou:

—«Não me lembro, sr. professor...»

O professor procurou e disse:

—«Falta o caderno do Carlos!»

E, dirigindo-se a êste, disse-lhe:

—«Vou aplicar-te uma nota má. Hoje, era absolutamente necessário que todos trouxessem o exercício para a passagem do ano. Porque não o trouxeste? Por causa da brincadeira, não é verdade?»

Então, Augusto intercedeu:

—«Sr. professor: ao Carlos foi-lhe impossível trazer o caderno. Com a mãi muito mal, tem de dar as voltas precisas, fazer-lhe os caldos e dar-lhe os remédios a horas certas. De noite não dormiu. Veiu hoje à escola apenas para pedir ao sr. professor que o dispense. Agora, enquanto êle aqui está, a pobre mãi, sòzinha, sente a falta de Carlos.»

O semblante do professor nublou-se de lágrimas. Chamou Carlos e, diante de todos, disse:

—«Manifestas os mais belos sentimentos para com tua mãi. Vai para junto dela, que eu farei com que nada lhe falte. És bom filho. E tu, Augusto, és bom camarada. Merecem, ambos, os elogios de todos.»

Os alunos estavam comovidos com aqueles exemplos de camaradagem e de amor filial.

A pobre mulher, com os auxílios prestados, restabeleceu-se. E, pela vida fora, agradeceu, sempre, a Deus o ter-lhe dado tão bom filho.

—«De que serve ao galo a crista?
(disse o pardal à narceja)
—êle é um exibicionista,
só bom para fazer vista
ao catavento da igreja.»

—«O galo foi criminoso
(contava a rã à cegônha)
—êle, um bico tão vaidoso,
dar mostra assim de medroso!
E um covarde! um sem vergonha!»

E disse o galo a chorar:
—«Respeitem meu mal profundo
Não se podia salvar.

Ai quem pudesse calar
as tuas bôcas, ó mundo!»

. . . . . .

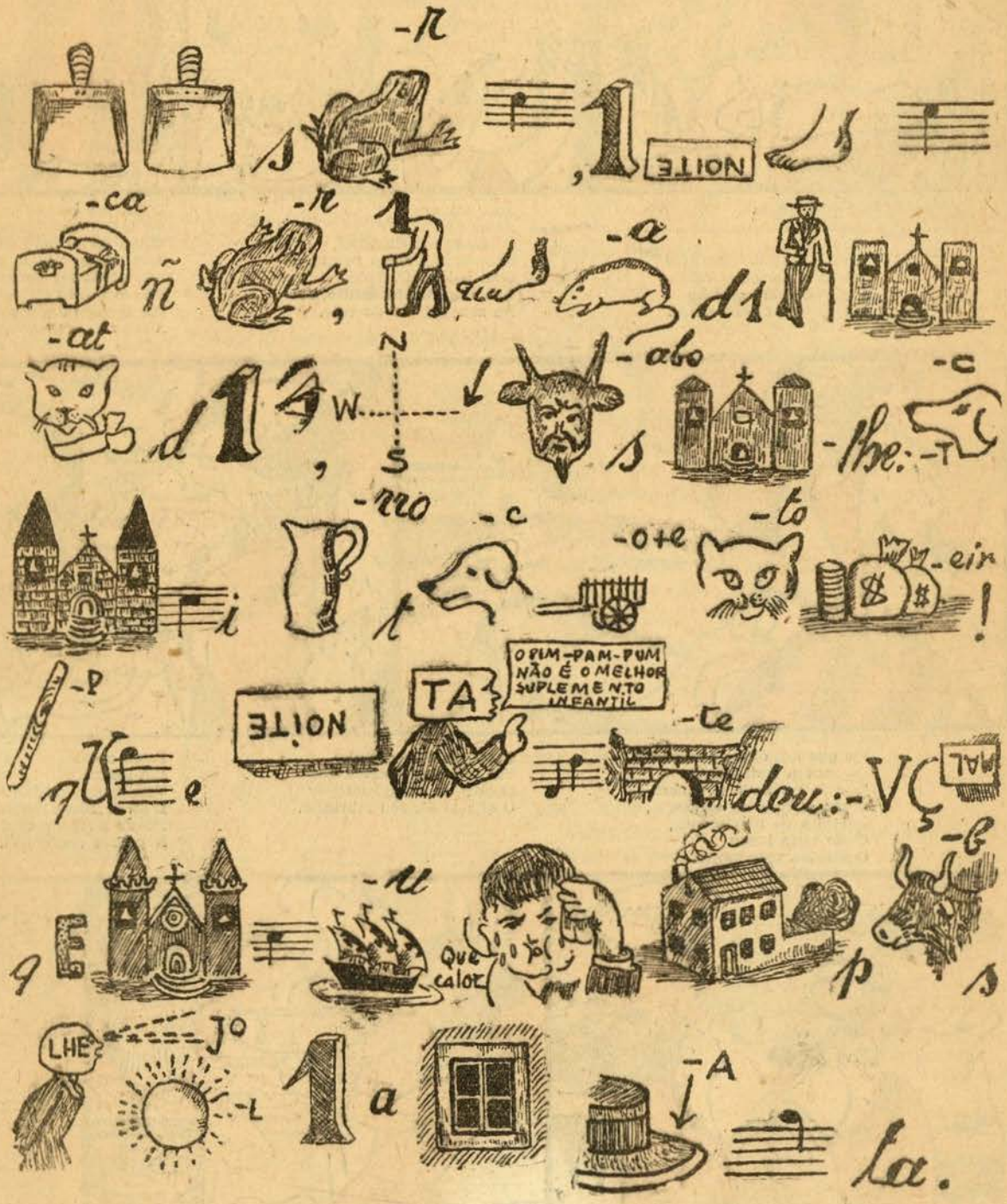
Nunca se deve julgar
dos outros o proceder.
Vá-se lá adivinhar
o que é que, no seu lugar,
poderiamos fazer?...

F

I

M

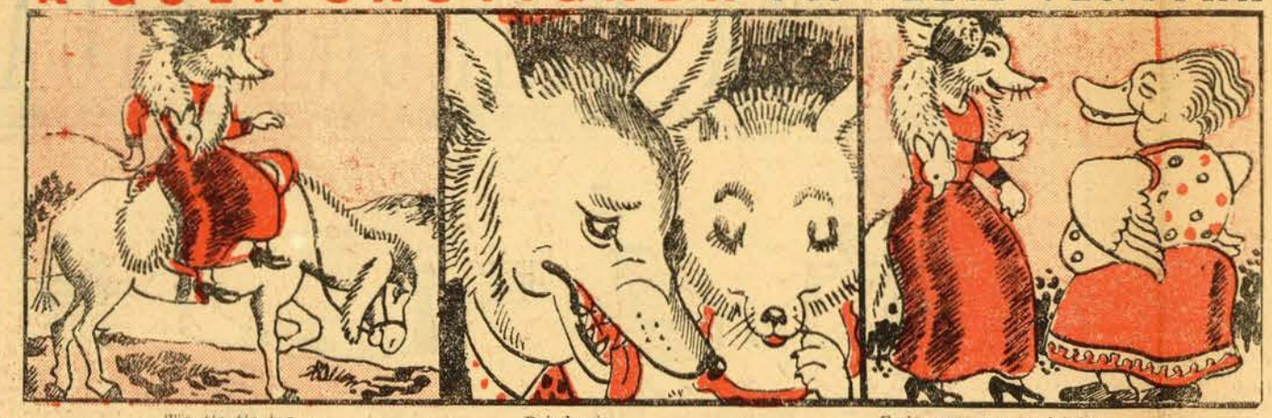
ANEDOTA HIEROGLIFICA



Manuel Ferreira

A GULA CASTIGADA

Por FELIZ VENTURA



Tic, tic, tic, tac,
Raposinha
Formozinha,
Formozinha de encantar,
Em cima do seu burrinho
Tic, tac, pelo caminho
Vai depressa sem parar.

Pois havia,
Nêsse dia,
O enlace matrimonial,
Da sobrinha mais velhinha
Com o lobo D. Totó,
Que morava, há muito, só
No seu palácio do vale.

E ela, por ser a madrinha
De tão grande casamento,
Tinha de ir bem depressinha
Sem perder um só momento;
Não podia ter demora
Pois ia muito atrasada
Por haver estado uma hora
A falar com a senhora
Esposa do Senhor Pato.

Eis que aos olhos azougados
Dá raposa formozinha,
Que ia na boda a pensar,
Surge a casa da sobrinha,
Cheinha de movimento,
Onde teria lugar
O famôso casamento.

Recebida com carinho
Vai um pouco descansar
Depois de cumprimentar
O que ia ser seu sobrinho.

Passa o dia
Em alegria,
Vem a hora do jantar,
E só de nisso pensar
Põe-se a rir e a cantar
A gulosa raposinha.

Tic, tic, tic, tac..,
Aos pulinhos,
Aos saltinhos,
Vai depressa para a mesa
E põe-se logo a servir
Do jantar com ligeireza.

Mas tanto, tanto comeu,
Sem olhar à má acção
Que estava assim praticando,
Que apanhou indigestão
A ponto de ir «espichando».

Dêsde êsse dia a raposa,
Depois de bem se curar,
Prometeu de se emendar,
Não mais fazer essa acção,
Pois lhe ia custando a vida
A tal grande indigestão.

Meninos, eis que vos digo,
(E eu sou só um bom amigo,
Que não vos quer melindrar:)
Não sejais nunca glutões
Nem façais destas acções,
Pois ao culpado o castigo
Não se faz nunca esperar.

AVAREZA CASTIGADA

POR ANNIO MACHADO

NO castelo do Conde de Lis, realizava-se o casamento de sua filha única, a formosa Arminda com D. António Mondego, o mais garboso fidalgo daquelas redondezas.

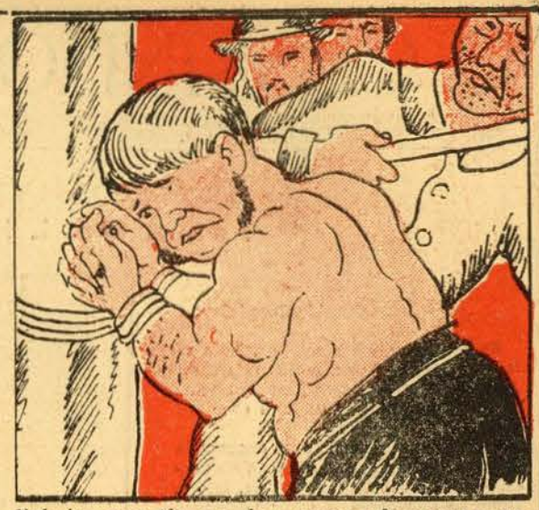
Preparava-se o jantar para o qual havia todas as qualidades de comida menos peixe, pois, como o mar estava muito alteroso, ninguém se atrevia a afrontá-lo.

Um pobre pescador, pai de muitos filhos, vendo-os cheios de fome, resolveu aventurar-se ao mar.

Tão feliz foi que pescou um enorme peixe e, imediatamente, correu ao castelo, a-fim-de o vender ao fidalgo.

A' entrada, deparou o porteiro que lhe preguntou onde ia.

— «Vou — (respondeu o pescador) — vender êste peixe ao sr. D. António, para poder, com o



dinheiro que êle me der, matar a fome aos meus filhos.»

— «Então, vai mas pede-lhe muito, que o Sr. D. António não tem peixe para o jantar e dar-te-á tudo quanto lhe pedires. Como êle, certamente, te dará mais do que aquilo que o peixe vale, tens que me dar metade.»

O pescador acedeu.

Foi oferecer o peixe ao fidalgo, o qual, muito contente, lhe disse: — «Pede-me o que quizeres!»

— «Quero vinte pauladas!» — respondeu o pescador.

O fidalgo tentou dissuadi-lo dessa idea mas o pescador manteve-se inabalavel na sua resolução.

Em vista disto, um criado foi encarregado de lhe dar as pauladas.

Quando já lhe tinha dado dez, o pescador exclamou: — «Alto. Tenho um sócio!»

Então, o fidalgo ordenou que chamassem o sócio.

Ao ver quem era, mandou-lhe dar as outras dez pauladas e despediu-o em seguida.

O pescador ficou como porteiro no palácio e nunca mais passou privações.

Meus meninos eis a moralidade desta história: Nunca devemos querer o que é dos outros!

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS
POR ABELHA MESTRA

Querida Joaninha:

Pediste-me mais lencinhos. Pois aí tens outros, diferentes dos primeiros já publicados, mas semelhantes na sua simplicidade bem ao alcance dos teus recursos de agulha!

Temos, no primeiro, uma engraçada florzinha, a realçar do *ájour*. Vais bordá-la em ponto de «pesponto», isto é, como se estivesses a fazer pesponto.

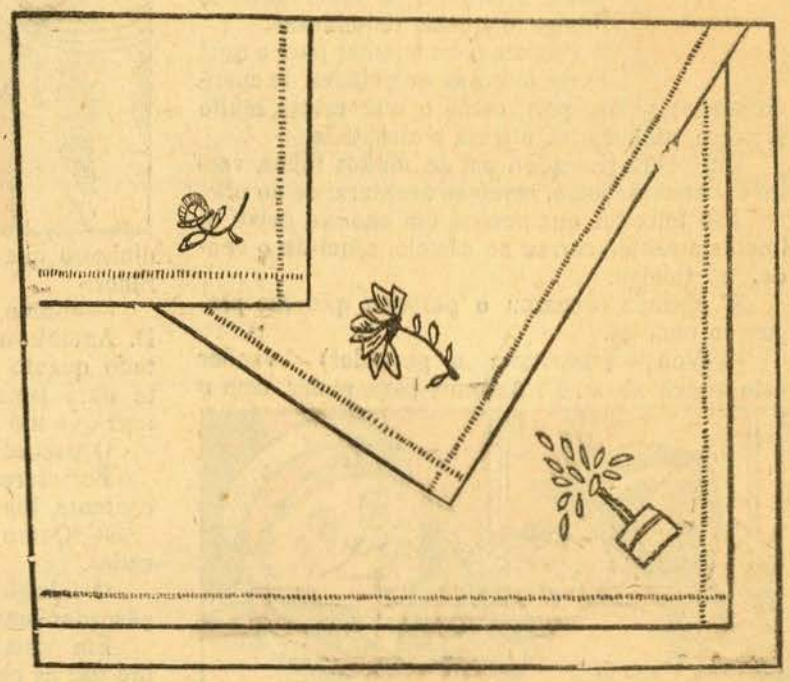
Empregas para a flôr, *filoselle* encarnada e, para o pé e folhas, a *filoselle* verde.

No segundo, vês um pequenino arbusto plantado num engraçado caixotinho. Este é bordado em amarelo e o arbusto verde.

Finalmente, no terceiro, encontras outra elegante florzinha. Esta, vais bordá-la com *filoselle* azul eléctrico, em ponto cadeia. O pé e folhas serão verdes.

Manda dizer à tua amiguinha, se ficaste satisfeita e recebe um grande abraço da

Abelha Mestra.



CONCURSO DOS BICHOS

A-fim de abreviarmos a conclusão do nosso concurso, publicamos, hoje, maior número de gravuras, representativas de bichos que constituem uma das últimas fases da nossa colecção.

CHARADAS

CHARADAS COMBINADAS

+ ma — Aia + tiga — canção
+ ma — Copa + la — pecado mortal
+ ma — Copa + mo — caminho

Conceito pássaro Conceito: — mamífero

+ ma — Leito
+ tro — medida
+ to — jogo

Conceito: — quadrúpede

CHARADAS EM FRASE

Esta *passagem teatral* ao pé daquele *ribeiro* é um belo *panorama* — 2-2.

Este *pássaro brasileiro que vejo ali* merece uma *habitação de ave* — 1-1.

Este *artigo adoro no Estio* — 1-2.

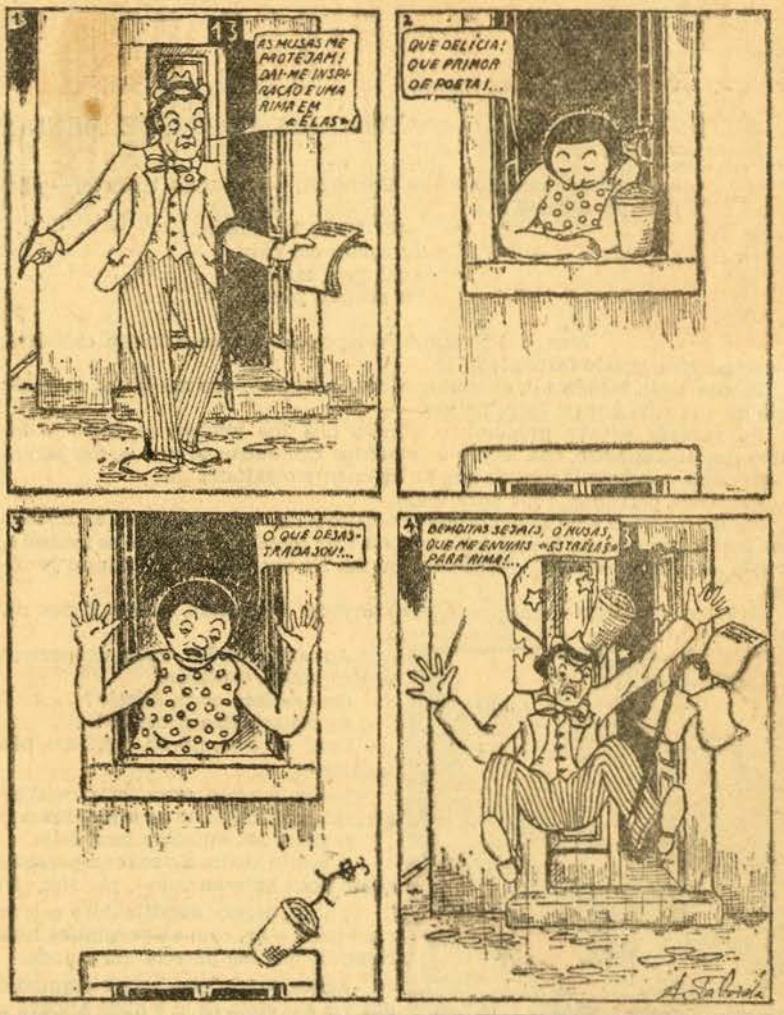
ADIVINHAS

Qual a coisa de papel
e que é de pano também,
que é ave, que fala bem
e que sobe num cordel!...

Qual a coisa, qual é ela,
que há na Escola, é de madeira,
dá bolos, sem ser doceira,
não é barco mas tem vela?...

Qual a terra portuguêsa,
que anda sempre, sempre a fio...
E que assim, com êste frio,
sabe... que é uma beleza?...

HISTORIA MUDA



Decifração da anedota hieroglifica inserta no número passado

Um almocreve cuidava de moer à pancada um gerico que lhe havia caído com a carga. Em volta junta-se enorme povoléu.

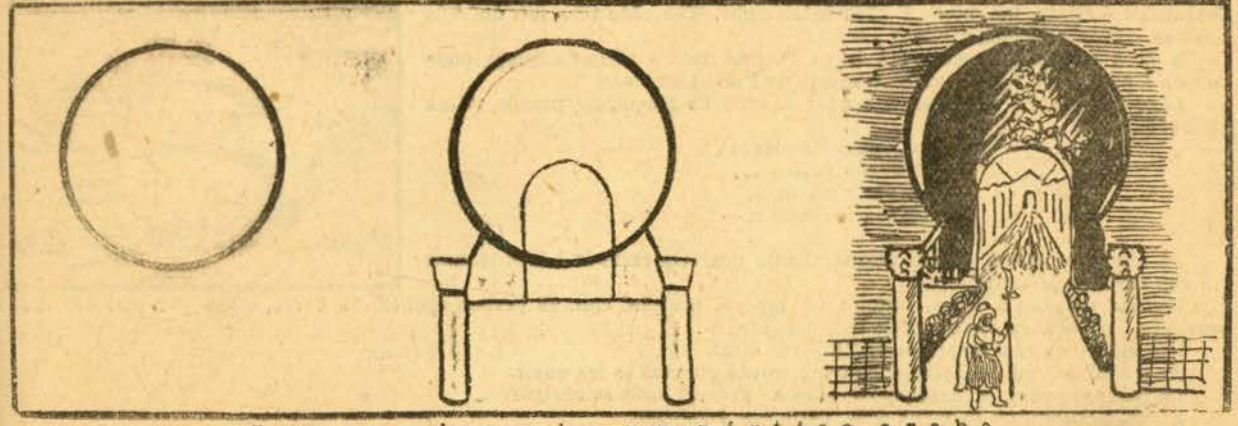
— Seu desalmado! gritavam.

— Grande selvagem! clamava outro.

O almocreve, então, descarapuça-se, volta-se para o animal, e diz-lhe muito cortezmente:

— Queira desculpar, senhor jumento; nunca julguei que estivesse tão bem relacionado e tivesse tantos amigos nesta terra.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um pórtico arabe

O Pisco Lambisco comeu um petisco

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

No cimo duma árvore, o Cochicho, — passarolo trocista, — piou para baixo :

— O' Pisco Lambisco,
tu andas em cata,
aqui pela mata,
de grande petisco, —

Mas o Pisquinho, sempre saltitante e muito chibante, não respondeu àquele farçante.

Bicada aqui, bicada ali, caminhava, aos pulinhos, aos saltinhos, sem dar parte da sua vida àquele intrometido.

Na verdade, estava procurando almôço que lhe apetecesse, farto já dos frutos do medronheiro, das bagas e sementes dos outros arbustos, das larvas do mosquedo e outras bicharias que antigamente o satisfaziam.

Resolveu, portanto, voar para longe.

Passou sôbre a aldeia, pousando nos beirais dos telhados, onde as andorinhas lhe fizeram «ú-ú-ú!» com mêdo que êle lhes fôsse escangalhar os ninhos e, por fim, chegou à estrada, donde avistou um rengue de oliveiras muito juntinhas.

O Pisco, que não conhecia aquelas árvores cinzentas, nunca vistas na mata, voou até lá.

Ao examiná-las, mais de perto, viu que estavam cheias dumas bolinhas verdes, muito durinhas.

Que petisco seria aquele?

Se conseguisse prová-lo!

Com certeza, nunca nenhum pisco na terra se tinha lambido com tal manjar!

Nessa ocasião, uma forte rajada de vento sacudiu os ramos das oliveiras e várias azeitoninhas se espalharam pelo chão.

O Pisco saltou sôbre uma delas,

A muito custo, a azeitona passou-lhe pela garganta. Com o esfôrço que fez quási ficou sufocado, mas, por fim, lá conseguiu engulí-la.

Então, depois daquele feito extraordinário, o Pisco caíu por terra, de barriga para o ar, com as perninhas hirtas para o céu, a digerir aquela bola descomunal que lhe parecia um mundo.

Achou-se tão possante e orgulhoso que julgou poder com êsse outro mundo que via em cima de si e onde andava o sol a passear.

Mas, enquanto êle desafiava o céu que o cobria, a azeitona — que mal lhe cabia no papo — enchia-o dum grande mal estar.

Sentia dores e agonias.

A tudo se resignava, visto que tinha, dentro de si, o que nenhum pisco ainda tivera!

Passou uma andorinha rasteira e preguntou-lhe :

— «Que fazes aí, Pisquinho? Que posição tão exquisita arranjaste!»

— «Enguli o mundo, comadrinha!» — respondeu o orgulhoso, sem pestanejar.

E ela, a rir :

— «E onde o achaste, Pisquinho?»

— «No cimo dessa árvore que aí está. Nenhum pássaro, por certo, fez tal proeza!»

— «O teu mundo é uma azeitona!» — replicou a andorinha, já séria, acrescentando : — «Para um pisco é caso intrincado! Tão cêdo não sais daí, que coisa de monta estás digerindo!»

E lá o deixou de costas em terra, voando para a tôrre da igreja, onde contou à passarada, que aí vivia, o arrojo do Pisco Lambisco.

Logo vieram, às revoadas, esvoaçar à roda do Pisquinho, piando, numa chilreada :

— «Ó pisco lambisco
comeste o petisco...
mas vês uma fona,
com tal azeitona!» —

Já muito arreliado com a passarinhada, quereria corre-la à bicada, mas em vão tentaria levantar vôo.

Parecia pregado à terra, sempre na mesma posição, com as pernas apontando o céu, que — por mal dos seus pecados, — se tornara escuro, cada vez mais escuro...

Nuvens carregadas, corriam, escondendo o sol.

Ao longe, faiscou um relâmpago e um trovão enorme se fez ouvir.

Os pássaros voaram, assustados, para as árvores onde se abrigaram.

Aflito, o Pisquinho bateu as àsas, arripiado e trémulo.

Olhando o negrume do céu, que parecia ameaçar a terra com o fuzilar de grandes relâmpagos e o ribombar de medonhos trovões, piou alto : — Que grande azeitona não terás tu engulido, para te queixares dessa maneira!»